

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

20 e 30 de Junho de 2022

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA (I PARTE)

GOJIRA / 1954

Godzilla ou O Monstro do Oceano Pacífico

Um filme de Ichiro Honda

Argumento: Takeo Murata e Ichiro Honda, baseado no romance de Shigeru Kayama / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco, formato 1:37): Masao Tamai / *Efeitos especiais:* Eiji Tsuburaya / *Direção artística:* Satoru Chuko, Takeo Kita / *Música:* Akira Ifukube / *Montagem:* Taichin Tara / *Som:* Hisashi Shimonaga e Norio Tone (gravação), Ichiro Minawa (efeitos especiais) / *Interpretação:* Akira Takarada (*Hideto Ogata*), Momoko Kôchi (*Emiko Yamane*), Akihiko Hirata (*Dra. Daisuke Serizawa*), Takashi Shimura (*Dr. Kyohei Yamane*), Fuyuki Murakami (*Professor Tanabe*), Sachio Sakai (*o jornalista*) e outros.

Produção: Tomoyuke Tanaka para Toho (Tóquio) / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 96 minutos / *Estreia mundial:* Nagoya, 27 de Outubro de 1954 / *Estreia em Portugal:* Lisboa, 24 de Abril de 1957 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

O filme que vamos ver inaugura uma das mais bem-sucedidas séries de filmes da história do cinema, as aventuras de Gojira (nome que combina as palavras que em japonês significam *gorila* e *baleia*), mundialmente conhecido como Godzilla desde que os distribuidores assim americanizaram o seu nome em 1956. **Godzilla** teve um orçamento dez vezes superior ao de um filme japonês médio, atraiu nada menos de dez milhões de espectadores no Japão e lançou um novo género no cinema japonês, o filme de monstros. Mais de trinta filmes foram realizados “com” Godzilla ao longo de mais de cinquenta anos. A exportação do dinossauro foi rápida, pois o filme desta sessão foi rapidamente “refeito” nos Estados Unidos, com muitas alterações relativamente ao original, com o título **Godzilla, King of the Monsters!** (1956).

O realizador, Ichiro Honda, era de opinião que Godzilla e outras criaturas congéneres eram seres trágicos, sem intenções hostis que, devido ao seu gigantismo, provocam destruições apocalípticas. Neste sentido, são todos descendentes de King Kong, ainda que não tenham os sentimentos humanos que habitam o gorila. Tomoyuke Tanaka, produtor da série, é da mesma opinião: “*Godzilla não é bom nem mau. Limita-se a destruir aquilo que lhe bloqueia o caminho*”. As aventuras de Godzilla, que a partir de 1962 foram realizadas a cores, evoluíram bastante ao longo do tempo e passou a haver uma predileção em fazer com que esta “*criatura jurássica*” (é assim que ele é descrito no filme que vamos ver) combata outros monstros, inclusive King Kong. Mas neste filme que inaugura as aventuras de Godzilla o monstro é ao mesmo tempo uma fonte de perigo e uma vítima e a sua morte é quase um gesto de piedade, uma necessária eutanásia. **Godzilla** é uma advertência permanente contra o perigo nuclear, feito num momento em que a paranoia relativa a uma guerra nuclear estava no auge. Apenas nove anos se tinham passado desde os bombardeamentos de Hiroshima e Nagasaki e o trauma no Japão ainda era profundo. É devido a ensaios nucleares submarinos (americanos, como não é dito no filme e como qualquer japonês sabia) que Godzilla ressuscita do fundo dos tempos, na condição de portador de sequelas nucleares e começa a destruir cidades: uma coisa é ligada á outra. Como o estado em que deixa as cidades o provam, Godzilla tem a mesma força destrutiva das armas nucleares, das quais é vítima: ele é ao mesmo tempo inimigo e vítima das populações humanas. O Professor Serizawa manifesta remorso pelo facto das suas pesquisas terem desencadeado uma catástrofe, exatamente do mesmo modo como fizeram (e ainda

faziam quando o filme foi feito), alguns cientistas a terem participado do projeto de construção da primeira bomba atômica americana, que manifestaram remorsos e crises de consciência por terem desencadeado forças apocalípticas (este foi o caso de Robert Oppenheimer, que por este motivo caiu em desgraça junto ao poder político americano). No filme, Serizawa começa por recusar a utilização da peça que concebeu e que acabará por matar Godzilla (um aparelho que destrói o oxigénio), explicando que teme que os super-poderes o obriguem a construir mais Destruidores de Oxigénio como uma super-arma. No desenlace, o paleontólogo Yamane chega à conclusão que se os testes nucleares continuarem, outro Godzilla surgirá. Nestes seus começos Godzilla é, por conseguinte, inseparável do perigo nuclear, do qual é a encarnação: mais do que uma criatura imaginária, ele dá forma a um perigo bem real e, sobretudo, um perigo que é objeto de vastos temores coletivos. O filme é um apelo ao fim da “corrida nuclear”, que toma a forma de um filme de ficção científica, género que deu forma tanto a utopias quanto a distopias. Mas aqui o mundo e a sociedade à qual o filme se refere é a do presente, no país onde o filme foi mostrado, seja ele qual for.

O ponto de partida de **Godzilla** foi o filme de Eugène Lourie **The Beast From 20.000 Fathoms/O Monstro dos Tempos Perdidos** (1953), baseado numa história de Ray Bradbury, em que um dinossauro é atingido por testes nucleares no Ártico e põe-se a aterrorizar as cidades no nordeste dos Estados Unidos. O esqueleto narrativo é, por conseguinte, o mesmo. Uma importante característica do filme é a maneira como o monstro é representado. Embora Eiji Tsuburaya, o responsável pelos efeitos especiais, fosse um grande admirador de **King Kong**, por razões orçamentais e do tempo disponível para a rodagem, não utilizou a técnica da animação para criar o seu monstro: este foi representado por um ator envergando as “vestes” do dinossauro, o que se tornará uma característica do cinema japonês de monstros e será fonte da ironia de alguns espectadores ocidentais, que consideravam as trucagens do filme e das suas sequelas mal feitas. Mas independentemente das opções visuais do produtor, do realizador e dos técnicos, **Godzilla** não é um filme espetacular, tonitruante: é antes um filme em surdina, discreto, pois é menos um objeto de entretenimento do que um filme “com mensagem” como se dizia à época (e o facto de se dirigir em primeiro lugar às plateias populares garantia a clareza da mensagem) e esta mensagem é o perigo mortal das armas nucleares. Numa velha técnica destinada a valorizar os efeitos utilizados, Godzilla só surge na tela ao cabo de cerca de trinta minutos de projeção e, ainda assim, de modo fugaz. De modo geral as suas aparições são esparsas. Ao longo do filme há tremendas cenas de destruição causadas pelo monstro, mas não há combates violentos entre ele e as forças armadas, ou melhor, estes combates não são representados de forma violenta, mas de modo quase convexo. O combate final, com a morte de Godzilla, é tem algo de um anti-clímax: é um combate necessário, porque nele se joga a sobrevivência da espécie humana (e a técnica usada mostra que os cientistas e argumentistas japoneses têm imaginação), mas nada tem de apocalíptico, não é uma grande cena de efeito: não são as explosões e destruições que contam, mas a necessidade racional de pôr fim a um perigo. Paradoxalmente e contrariamente a muitas das suas “sequelas”, **Godzilla** é menos um espetacular objeto de entretenimento do que um apelo político, que reflete temores muito reais e muito justificados da época em que foi feito.

Antonio Rodrigues